

# A QUESTÃO SOCIAL COMO UM DESAFIO HISTÓRICO DO SERVIÇO SOCIAL

Myrian Veras Baptista - 2009

*O pensamento é apenas um aspecto parcial de  
uma realidade menos abstrata: o homem inteiro.*

Lucien Goldmann

Os fatos sociais configuram realidades complexas: são *sínteses de muitas determinações, unidades do diverso* (Marx, 1974: 116) e suas apreensões nunca se completam em definitivo. São muitos os ângulos, são muitas as situações que, por sinalizarem um processo histórico, são significativos para sua compreensão e explicação. É nessa perspectiva que esta minha fala deve ser vista: como um contributo para o estudo da gênese e da estruturação do serviço social no Brasil - o que vou trazer para vocês é a minha leitura dos fatos e situações que engendraram essa história e do protagonismo assumido pelos sujeitos que a vivenciaram<sup>1</sup>, notadamente em uma de suas regiões pioneiras, o Estado de São Paulo.

Assumo como ponto de partida para essa minha reflexão a idéia de que, na estrutura do serviço social brasileiro como profissão, sempre esteve presente o desafio do enfrentamento das expressões da questão social gestadas pelo capitalismo, o que fez com que seus profissionais parametrassem suas

---

<sup>1</sup> A acentuação em negrito de algumas de suas falas são de responsabilidade da autora do presente texto.

intervenções na relação capital-trabalho. Evaldo A.Vieira tem sobre esse aspecto uma posição assemelhada à que eu expressei aqui. É dele a consideração seguinte: *a questão social foi uma base sólida na constituição e consolidação do serviço social, uma vez que tem sido sempre seu eixo de reflexão e a expressão de sua particularidade*<sup>2</sup>.

Helena Iraci Junqueira, uma das pioneiras da profissão esclarece em depoimento (1983:16) que o *serviço social originou-se de um movimento dentro da Igreja [católica] (...) de uma prática concreta, de uma posição de vanguarda (...) voltando-se para a formação de profissionais para a atuação sobre os problemas sociais que se colocavam na época. Ele começou com ímpeto de renovação, de estudo, de posicionamento avançado para a época.* Em outro momento, em depoimento (Lima, 1982:75), H.Y.Junqueira situa as razões de sua escolha do serviço social como profissão: *... eu estava engajada no movimento de Ação Católica. Esse movimento, em São Paulo, despertara, desde o início um sentido profundamente social nos seus membros (...) Tínhamos uma grande preocupação pela justiça social.(...) quando tive conhecimento da fundação da Escola de Serviço Social, me empolguei com a idéia de que poderia ter **uma profissão que iria servir à implantação da justiça social.***

---

<sup>2</sup> Evaldo Amaro Vieira, em debate sobre o serviço social entre os professores do Programa de Estudos Pós-Graduados em Serviço Social da PUCSP -2006.

O primeiro número da revista *Serviço Social*, editado em 1939<sup>3</sup>, dizia em sua apresentação: *O Serviço Social tem por finalidade primária orientar as obras sociais e desnudar à sociedade os seus problemas, interessando-as neles, a fim de que, com maiores recursos, possamos enfrentá-los. Visa também despertar a consciência de classe dos trabalhadores, a consciência de classe dos trabalhadores sociais, estabelecer contacto entre eles, a fim de formar e criar um bloco cuja ação se caracterize pela unidade, pela visão...*

É nesse sentido que tomo como eixo empírico para análise da profissão no Brasil, o peso específico atribuído por seus profissionais à sua participação política, nos diferentes momentos de sua história (embora neste texto me concentre apenas nas primeiras décadas), tendo clareza que os enfrentamentos que assumiram não se deram de forma homogênea nas diferentes conjunturas vividas nesses 70 anos da profissão, afinal *o que é o serviço social? Não é algo solto no espaço, como um dado objetivo, não; é nossa vivência concreta como assistentes sociais, é nossa atuação... E nessa atuação eu posso distinguir, mas jamais separar, a intencionalidade do resultado.* (Cortez, 1983:30).

O serviço social brasileiro foi gestado na esteira de um movimento internacional, articulado e comandado pela igreja católica, que tinha por objetivo sedimentar uma proposta política que se

---

<sup>3</sup> Esta revista era dirigida por Luis Carlos Mancini, e tinha por redatora chefe Nadir Gouvea Kfourri.

configurara através de Encíclicas Papais<sup>4</sup> as quais estruturaram uma doutrina social que se tornou conhecida como a *Doutrina Social da Igreja*. A Doutrina Social da Igreja estabelecia as bases para a operacionalização de uma alternativa para o enfrentamento da *questão social* – “nem o liberalismo, nem o individualismo, nem o comunismo, o humanismo cristão”. Hoje, o espaço privilegiado da ação profissional continua sendo o do enfrentamento das manifestações da questão social – naturalmente, a partir de outros paradigmas - principalmente aquelas que expressam a relação pobreza-sociedade, na medida em que essa pobreza se gesta, se nutre e se amplia nas defasagens sofridas pelos pólos menos favorecidos da relação capital/trabalho.

Nesta análise considero importante ter presente que o modo de ser e de se estruturar do serviço social, por ser resultante dos processos mais amplos vividos pela sociedade e, também, das conjunturas sócio históricas regionais e locais, assume particularidades próprias em cada país e, também, em cada região de um mesmo país: se formos pensar no serviço social brasileiro, veremos diferenças na sua gênese e estruturação nos dois pólos de sua emergência - Rio de Janeiro e São Paulo - muito embora ambos tenham tido como norte a mesma doutrina e muitos dos fatos imediatamente mobilizadores de sua construção tenham a mesma origem.

O Brasil da década de 30, do século passado, vivenciava um momento em que as contradições, os conflitos e as tensões das

---

<sup>4</sup> *Rerum Novarum* de Leão XIII, publicada em 15 de maio de 1891 e *Quadragesimo Anno* de Pio XI, de 15 de maio de 1931.

relações capital-trabalho emergiam com força no processo de consolidação de um capitalismo ainda incipiente. Em São Paulo já havia um parque industrial que se estruturava a passos largos e os movimentos operários, principalmente aqueles ligados aos grupos anarquistas (inspirados por operários estrangeiros, italianos e espanhóis, que haviam migrado no início do século) organizavam greves e contestações reivindicando melhores condições de vida e de trabalho. Em depoimento no qual configurava a situação social paulista no momento da emergência do serviço social, diz Helena Iracy Junqueira: *Em São Paulo, os problemas da classe trabalhadora se agravavam na justa medida de sua expansão. A crescente industrialização com maquinário moderno, sem muita exigência de mão de obra qualificada, atraía do interior e de outros Estados, grande número de trabalhadores rurais, expulsos do campo pela crise da agricultura, principalmente do café, trazendo gente diferente, desraigada e desamparada, que se instalava precariamente nas piores habitações da cidade (in Vicini, 1990:24-25).*

Esse quadro, posto por H.I.Junqueira, expressa uma realidade na qual se pode depreender processos econômicos e sócio-políticos que compõe as condições objetivas para que o serviço social se constitua como profissão: a sociedade e o Estado viam-se cada vez mais desafiados a enfrentar as questões sociais construindo respostas ao nível de políticas sociais e de serviços, a uma crescente gama de situações que exigiam profissionais preparados para seu planejamento e execução e os assistentes sociais foram *investidos como um dos agentes executores das políticas sociais (Netto, 2001:74-75).*

Face ao quadro social que se colocava, José Pinheiro Cortez, um dos pioneiros do serviço social em São Paulo, escreve, em março de 1953<sup>5</sup>: *é necessário que o operário tenha compreensão desta marginalização em que ele se encontra, mesmo que isto implique em um certo risco de torná-lo revolucionário. Nós temos que suportar esse risco, porque é condição necessária para que ele consiga sair da condição de proletário. Não se pretende um capitalista melhor, pretende-se uma superação do capitalismo...* Em 1983 (p:24), ao comentar esse artigo, dr. Cortez reflete: *Olhe, quando eu escrevi ninguém me contestou, portanto, é sinal de que foi bem aceito; ou então, ninguém leu...*

Nadir G. Kfourri, assinala em depoimento a Yasbek (1980:37), a emergência da preocupação com a questão social e consciência da responsabilidade por encontrar caminhos assumida naquela época: *Eu penso que era um despertar, no Brasil, da consciência social (...). Havia muito grande a presença do problema da classe operária. Que a gente considerava uma classe explorada, e para a qual deveria se encontrar uma solução justa, de acordo **com o redimensionamento da concepção de trabalho**. Essa mesma preocupação é assinalada por Helena Iracy Junqueira: *foi a ideologia de uma sociedade mais justa que atraiu grupos de pessoas para a Ação Social e, posteriormente, para o serviço social.**

Faz parte desse contexto genético do serviço social de São Paulo, a luta pelos direitos da mulher, que também compunha o

---

<sup>5</sup> Negritos colocados pela autora deste texto.

ideário de muitas de suas pioneiras: *Naquela época havia (...) a nossa postura de achar que a mulher tem direito de trabalhar, de ter o seu salário. Mas essa postura se chocava com a de algumas pessoas católicas que achavam que a mulher não deveria competir com o homem, que não deveria optar por um trabalho remunerado. (...) Por aí você começa a ver a luta da mulher que está abrindo seus caminhos; até hoje sabemos que são caminhos que pressupõe longa caminhada* (Kfoury,1983:17).

Em São Paulo, o movimento que tinha por proposta a expansão política da Doutrina Social da Igreja, se apoiou estrategicamente em um tripé cujas bases eram configuradas por:

1) um partido político, o Partido Democrata Cristão, cuja presidência foi assumida, via eleição, pelos integrantes do movimento. Nesse partido, muitos assistentes sociais militaram politicamente, aceitando e disputando cargos políticos. O PDC teve, por muitos anos, como secretário geral, José Pinheiro Cortez; e Helena Iracy Junqueira foi, pelo partido, a primeira vereadora mulher da cidade de São Paulo e foi também Secretária da Educação no Município, nos anos 50, na administração PDC.

2) a mobilização do laicato católico através da organização da Ação Social Católica, cuja responsabilidade de implantação em São Paulo fora assumida pelo CEAS – Centro de Estudos e Ação Social – a partir de 1934. A Ação Social Católica *destacava a responsabilidade social do cristão, superando a vivência religiosa mais individual* (Vicini,1990:24) e atuava através de grupos organizados como a Liga Feminina de Ação Católica, a Juventude Operária Católica-JOC, a Juventude Agrícola Católica–JAC, a Juventude Estudantil Católica

(secundarista) –JEC, a Juventude Independente Católica – JIC, a Juventude Universitária Católica – JUC.

3) e a implementação de espaços de formação e de disseminação de idéias e da doutrina, de preparação de uma elite intelectual católica, configurados principalmente pelas Universidades Católicas. Não por acaso, em São Paulo, foi o CEAS a entidade fundadora e mantenedora da primeira Escola de Serviço Social. Consonante com as propostas da Doutrina Social da Igreja, o objeto da formação e da intervenção profissional dos assistentes sociais nesse período era também o objeto que preocupava a Igreja e a Ação Social Católica: a **questão social**, tal como vinha se expressando na sociedade brasileira e, no caso de São Paulo, paulista. Em decorrência, a profissão de serviço social *se constituiria num dos aspectos concretos da ação social* (Albertina Ferreira Ramos -1940- apud Yasbek, 1980:40) e o curso de serviço social, além de se voltar para a disseminação de conhecimentos e de técnicas para uma ação mais eficaz no enfrentamento dos problemas sociais, dedicava-se também à formação social de dirigentes, integrantes da ação política do laicato católico (Lima, 1982:45).

A terceira escola de Serviço Social no Brasil, foi fundada também em São Paulo, com o nome de Instituto de Serviço Social de São Paulo (posteriormente, Faculdade Paulista de Serviço Social), como resultado também de deliberações do laicato católico - especificamente, da Juventude Universidade Católica-, para a formação de assistentes sociais masculinos, o que facilitaria a penetração da proposta doutrinária nos meios operários. Para tanto, foi estimulada também a entrada desses trabalhadores nos cursos do



Instituto (que funcionavam no período noturno), com o oferecimento de bolsas de estudos.

A formação dos assistentes sociais nesse período pioneiro tinha por eixo os fundamentos que embasariam suas reflexões e práticas, os quais garantiriam também sua *sólida formação doutrinária e ética*. J.P.Cortez (in Rodrigues On, 1994:15), nos conta que *na época inicial, a grande exigência era a formação filosófica, mas não de uma filosofia “pura”. O grande princípio era o princípio da filosofia social, da filosofia aplicada, da filosofia transformada em instrumento de intervenção*. Estes conhecimentos filosóficos norteavam os estudos das questões que eram a preocupação central do processo de formação. H.Y. Junqueira (in op.cit.:14), informa: *estudávamos a família, o Estado, o sindicato, a vida do trabalhador (...) precisávamos conhecer a sociedade em suas bases, nas suas relações, a problemática social e o indivíduo (...) procurávamos então verificar o que poderíamos fazer nesse sentido*.

Para que esse processo de formação realmente levasse os profissionais a assumirem as responsabilidades que lhes seriam confiadas, a metodologia utilizada enfatizava sua capacidade de reflexão crítica sobre as questões vividas na sociedade naquele momento. A intencionalidade expressa dessa formação era, segundo J.P. Cortez (in op.cit.:14) *fazer o aluno pensar, pensar criticamente. Fazer o aluno agir, agir segundo o seu postulado crítico*. Em outro depoimento, Cortez (in Vicini, op. cit.:98-99) completa sua percepção da formação dos profissionais, afirmando que essa forma de trabalho representou uma conquista, *uma verdadeira vacina contra reflexões*

*puramente abstratas. Se não era possível agir (...) nas estruturas (...) as realizações práticas do dia-a-dia, ao nível pessoal e no decurso da vida universitária ativa e participativa, eram sempre viáveis.*

Para a coordenação desse processo foi adotado um sistema de *monitoria*, que proporcionava uma atenção individualizada aos alunos, orientando-os e acompanhando-os em seu percurso de formação. O monitor era também responsável pela organização e acompanhamento das disciplinas teóricas e pela orientação grupal dos alunos através de *círculos de estudos*. Esses círculos de estudos constituíam-se em momentos privilegiados para o aprendizado dos futuros profissionais (da mesma forma que para os militantes do movimento de Ação Católica). Neles eram debatidos os diferentes aspectos das questões que se punham nas relações de sociedade na época, tomando como referência leituras de jornal, de livros ou, ainda, algumas das temáticas tratadas nas disciplinas do curso. Segundo H.I. Junqueira (in Yasbeck, 1977:46) os círculos de estudos eram espaços que permitiam o desenvolvimento da observação, da reflexão e do raciocínio dos alunos e despertava-os para a crítica das questões sociais, constituindo-se em *instrumentos básicos de formação de mentalidade e de conscientização*<sup>6</sup>. Em outro depoimento H.I. Junqueira ressalta que esse tipo de formação *dava uma compreensão dos problemas sociais e da responsabilidade social. [Vejo] a ação social como embrião da compreensão que hoje temos*

---

<sup>6</sup> Cortez conta que na JUC, o trabalho em Círculos de Estudos se faziam a partir de um procedimento concatenado de **difusão**: a primeira reflexão era feita em uma reunião geral, com a presença de uma autoridade eclesiástica, na qual se formavam os dirigentes dos grupos. Esses dirigentes eram responsáveis pelos grupos nas Faculdades. Os elementos desses grupos, por sua vez, reproduziam o mesmo assunto em vários outros círculos, com os estudantes da 'base'. Portanto, o mesmo tema era tratado em todos os grupos no espaço de uma semana (in Vicini, op. cit.:98).

*de atuar sobre as estruturas. Dizíamos que a ação social visava atuar sobre as leis e as instituições. Era como a gente definia, conceituava, a ação social naquela época.*

A técnica utilizada para o encaminhamento das reflexões nesses círculos de estudos que expressava a intencionalidade da intervenção assumida pelo serviço social naquela época, era originada no movimento da Ação Católica. Tinha como diretriz, para construção dos modos de ser e de atuar dos profissionais, o lema **ver, julgar e agir** - isso significava que as questões mais candentes da sociedade da época deveriam ser examinadas a partir de dados empíricos e de informações obtidas sobre elas(ver); que esses dados e informações deveriam ser debatidos à luz da doutrina (julgar); e que os participantes deveriam analisar e assumir formas de enfrentamento (agir)<sup>7</sup>. Em síntese, estavam sendo formados profissionais militantes de uma proposta que tinha por base uma doutrina que lhes dava o direcionamento político e ético.

---

<sup>7</sup> No estágio, também os alunos partiam da diretriz 'ver-julgar-e-agir' para construir a sua ação. A primeira coisa que tinham a fazer era **ver**. Então, o que se via? Como se via? Faziam primeiro um reconhecimento da região onde iam estagiar (a comunidade, o bairro...), depois, faziam um mapeamento de todas as instituições existentes na região que poderiam ter alguma coisa a ver com o trabalho que teria que ser realizado, entravam em contato com essas instituições para saberem como funcionavam, para conhecerem as pessoas e serem conhecidos por elas. Entravam em contacto com a questão que seria objeto de sua ação. Com esses dois grupos de informação faziam um julgamento ético da situação (não era apenas um diagnóstico, mas um julgamento à luz da doutrina) e, então, estavam prontos para iniciar sua intervenção, para agir.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

**Cortez, José Pinheiro** Depoimento in *SS & Sociedade* nº12, 1983.

**Cortez, José Pinheiro** “Formação de assistentes sociais para o Serviço Social do Trabalho” in *Serviço Social*,1953 Obs.: O nome do autor do artigo, José Pinheiro Cortez saiu como Antônio Pinheiro Cortez

**Goldmann, Lucien** Ciências humanas e filosofia. São Paulo, Difel, 1967.

**Junqueira, Helena Iraci** Depoimento in *SS & Sociedade* nº12, 1983.

**Kfourri, Nadir Gouvêa**Depoimento in *SS & Sociedade* nº12, 1983.

**Lima, Arlete Alves***Serviço social: a ideologia de uma época. São Paulo, Cortez, 1982.*

**Netto, José Paulo** *Capitalismo Monopolista e Serviço Social*.São Paulo, Cortez, 2001 .3ª ed. ampliada.

**Rodrigues On, Maria Lúcia** (coord.) *Uma trajetória da docência em serviço social período 1963/1976*. São Paulo, PUCSP, 1994.

**Vicini, Yara Spadini***A relação teoria/prática na trajetória do exercício profissional: história de vida dos pioneiros de serviço social em São Paulo*. São Paulo, PUCSP, 1990 (Dissertação de Mestrado)

**Yasbek, Maria Carmelita***Estudo da evolução histórica da Escola de Serviço Social de São Paulo, no período de 1936 a1945*. São Paulo, PUCSP, 1977 (Dissertação de Mestrado).